



UEPB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADE
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS

JOÃO NAILTON BATISTA NARCISO

**AS INTERAÇÕES DO EU LÍRICO EM *MISERERE*: UM OLHAR REFLEXIVO NA
OBRA DE ADÉLIA PRADO**

GUARABIRA - PB
2021

JOÃO NAILTON BATISTA NARCISO

AS INTERAÇÕES DO EU LÍRICO EM *MISERERE*: UM OLHAR REFLEXIVO NA
OBRA DE ADÉLIA PRADO

JOÃO NAILTON BATISTA NARCISO

**AS INTERAÇÕES DO EU LÍRICO EM *MISERERE*: UM OLHAR REFLEXIVO NA
OBRA DE ADÉLIA PRADO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosângela Neres Araújo da Silva.

**GUARABIRA - PB
2021**

N222i Narciso, João Nailton Batista.

As interações do eu lírico em Miserere [manuscrito] : um olhar reflexivo na obra de Adélia Prado / Joao Nailton Batista Narciso. - 2021.

22 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva , Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."

1. Miserere. 2. Voz Lírica. 3. Adélia Prado. I. Título

21. ed. CDD 869.1

JOÃO NAILTON BATISTA NARCISO

AS INTERAÇÕES DO EU LÍRICO EM *MISERERE*: UM OLHAR REFLEXIVO NA
OBRA DE ADÉLIA PRADO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento do Curso
de Letras da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de Licenciado em Letras.

Aprovado em: 06/10/2021.

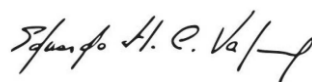
BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Dr^ª. Rosângela Neres Araújo da Silva (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^ª. Dr^ª. Maria Suely da Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, por ter me dado a oportunidade de concluir esse sonho. Por ter me dado luz nos momentos difíceis durante o processo de elaboração.

À minha mãe, Maria das Dores Batista, pelo seu amor incondicional, por sempre ter me apoiado durante todo percurso na academia, sempre com seu olhar singelo, em meio as minhas longas noites de leitura. Ao meu pai João Narcizo Filho.

Às minhas avós, Severina Inácia de Santana (in memorian) e Inêz Maria do Nascimento(in memorian), matriarcas da minha família, que partiram durante o período de elaboração do presente trabalho.

Às minhas tias, Gracilda Claudino Batista, Joana Claudino Barbosa, Maria Costa de Oliveira, Maria de Fátima Narcizo e Maria José Batista, que sempre me apoiaram e acreditaram neste momento.

A minha Orientadora Prof^a Rosangela Neres, por sempre ter acreditado em mim, me motivando a seguir em frente.

A Professora Aldinida de Medeiros Souza, que em muitos momentos acalmou meu coração durante a trajetória acadêmica.

Ao Professor João Paulo, pela paciência e por todo conhecimento compartilhado.

Agradeço a todos os professores que me ajudaram a chegar até aqui. Em especial: Prof^a Iara Ferreira, Prof^a Suely Costa, Prof Eduardo Valones, Prof^a Maria Neni de Freitas, Prof^a Karla Valéria e Prof Paulo Aldemir.

Dedico a minha querida mãe, Maria das
Dores Batista, por todo seu amor.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 ESPASMOS NO SANTUÁRIO: A POESIA DE ADÉLIA PRADO	12
3 O DESPERTAR: AS INQUIETAÇÕES DO LIRISMO ADELIANO SOBRE AS INCERTEZAS HUMANAS	13
4 UMA PERGUNTA AO QUE NÃO EXISTE: ALGUMAS RESPOSTAS	14
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS.....	21

THE INTERACTIONS OF THE LYRIC SELF IN *MISERERE*: A REFLECTIVE LOOK AT ADÉLIA PRADO'S WORK

João Nailton Batista Narciso*

RESUMO

O presente trabalho buscou analisar as mutações sofridas no eu lírico e como elas se refletem em *Miserere*, obra poética da contemporânea Adélia Prado. Em uma leitura comparativa com obras anteriores, foi possível compreender, de forma analítica-reflexiva, como o percurso do eu lírico na presente obra transformou-se, ganhando novos contornos e ultrapassando a temática das experiências do cotidiano e do lirismo feminino, para se aprofundar em um campo que se apresenta ainda como paradoxo para a humanidade. Além de apontar as especificidades no sujeito lírico, metodologicamente, realizamos a leitura dos poemas “Espasmos no santuário”, “A que não existe” e “Antes do alvorecer”, com base nos estudos críticos de Alves (2007), Sant’anna (2015) e Wiechmann (2010) que buscam discutir a obra da autora. Dessa forma, o presente estudo relevou nuances de um eu lírico diverso, dentro da poética de Adélia Prado.

Palavras-chave: *Miserere*. Voz Lírica. Adélia Prado.

ABSTRACT

This paper sought to analyze the mutations suffered in the lyrical self and how they are reflected in *Miserere*, a poetic work by the contemporary Adélia Prado. In dialogue with previous works, it was possible to understand in an analytical-reflective way, how the path of the lyrical self in this work was transformed, gaining new contours and going beyond the theme of everyday experiences and female lyricism, in order to deepen in a field that still presents itself as a paradox for humanity. In addition to pointing out the specifics of the lyrical subject, methodologically, we read the poems “spasms in the sanctuary”, “The one that does not exist”, and “Before dawn”, based on the critical studies of Alves (2007), Sant’anna (2015) and Wiechmann (2010) who seek to discuss the author's work. Thus, this study revealed nuances of a diverse lyrical self, within the poetics of Adélia Prado.

Keywords: *Miserere*. Lyrical voice. Adélia Prado

* Graduando do Curso de Letras - Português, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III. joaonilton1@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Autora de uma das vozes poéticas mais representativas dentro da literatura contemporânea, Adélia Prado, escritora mineira, é também autora de prosa e ensaios, demarcando seu espaço no campo literário a partir de 1976, com a publicação inédita de *Bagagem*, este que foi agraciado aos olhos da Santíssima Trindade, conforme menção de Adélia em entrevista à TV Assembleia de Minas Gerais, referindo-se a Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector e Guimarães Rosa, ao ser indagada pela apresentadora sobre quais autores serviram de inspiração para construir seu intelecto literário.

Com o passar dos anos, suas obras poéticas foram ganhando destaque por dar voz a um lirismo pessoal e intrínseco, ao transformar a vida cotidiana em poesia, a vida através dos olhos de uma mulher que transborda fé, que exalta a força do lado feminino em seu campo mais singelo. Explorando suas obras poéticas, fomos sendo instigados ao perceber como algumas características do eu lírico adeliانو foram criando contornos mais audazes, aspectos que evidenciam um amadurecimento com o passar dos anos, e que nos trouxeram inquietações ao perceber que o eu lírico perpassa os temas do cotidiano já estabelecidos em *Bagagem*.

Dispondo como base o livro *Poesia Reunida* (1991) – Conjunto de todas as obras poéticas publicadas pela autora – daremos enfoque a uma de suas obras mais recentes contidas nesta coletânea, que fará o leitor despertar um olhar mais perspicaz sobre o eu lírico, aqui transmutado, quando este se personifica, sendo inerente às questões humanas.

As indagações sobre quem somos, nossas origens e para onde vamos sempre estiveram permeadas em nossa imaginação desde os primórdios da humanidade. Tais inquietações ressurgem sempre que nos deparamos com situações que nos reafirmam como a vida é efêmera. É partindo desse olhar humano, estabelecido dentro de um universo de religiosidade (aqui sob o dogma do cristianismo apostólico romano) que Adélia Prado alicerça sua obra poética intitulada *Miserere*.

Uma obra que mantém o estilo da poética adeliانا – imergido nos ares das vivências cotidianas, que transitam entre o profano e o sagrado - já consagrada em *Bagagem* como também em seus sucessores, mas o que observamos em *Miserere*, de forma mais clara, vai além da poesia do cotidiano, vai além do lirismo feminino.

Nessa perspectiva, o presente trabalho visa refletir acerca da efemeridade nos poemas “Espasmos no santuário”, “A que não existe” e “Antes do alvorecer”, todos retirados de *Miserere*, que teve sua primeira publicação datada de 2013, precedente de um hiato de três anos desde *A duração do dia* (2010).

Muito já se falou sobre a importância da voz de Adélia na conjuntura literária moderna contemporânea, que, aliás, foi reconhecida por um dos poetas mais representativos da segunda fase do Modernismo no Brasil, Carlos Drummond de Andrade.

Na presente pesquisa, não iremos nos agarrar ao viés que retrata seu posicionamento como mulher ou sobre questões ligadas ao viés feminista – pensado no contexto político social – na poesia moderna contemporânea, se assim podemos intitular, visto que sua primeira obra estreia na linha tênue entre o final do modernismo propriamente dito e o início da era contemporânea. Estudos que abordam esse viés, cuja a poética adeliانا ocupa e representa, já foram amplamente publicados, então, observamos um ponto importante a ser materializado como objeto de estudo na

poesia contemporânea, buscar e analisar o lirismo presente em sua obra mais recente, *Miserere* (2013).

Notoriamente a pesquisa científica precisa de um ponto de partida, uma motivação, que busque nos dar respostas ou apontar um contraponto às nossas inquietações em relação ao objeto de estudo de forma mais profunda. Muito já se tem falado sobre *Bagagem*, mas pouco se tem sobre suas obras mais recentes, e após debruçar-nos sobre *Miserere* (2013), observamos que algo muito forte se resguardava neste livro, inquietações que nos provocaram, sendo o pontapé inicial que nos motivou a revisitar a obra e suas especificidades.

Durante os nossos estudos sobre a poética contida em *Miserere* (2013), observamos como o eu lírico foi sendo modificado, se comparado às obras anteriores, aqui vemos uma estética mais amadurecida da autora, refletindo em um sujeito lírico mais seguro de si, além de muitas vezes mergulhar nas indagações da própria autora – sob a ótica pessoal – deleitando-se em um confronto quando expõe uma temática que até hoje é um paradoxo, o campo da existência humana.

Ao mesmo tempo que observamos o amadurecimento em suas ideias, surge algo inovador e provocativo em *Miserere*, o eu lírico ganha uma força peculiar, a ousadia de se autoindagar, mas não perdendo o ar sagaz em que, convicto, acredita. Revisitando suas obras para o aprofundamento dos aspectos a serem analisados, é importante fazer menção à cronologia de suas publicações até o presente momento, que foram: *Bagagem* (1976), *O coração disparado* (1978), *Terra de Santa Cruz* (1981), *O pelicano* (1987), *A faca no peito* (1988), *Oráculos de maio* (1999), *A duração do dia* (2010) e *Miserere* (2013), esta última, que servirá como obra-conceito, de onde foram extraídos os poemas para análise, estes que mediante a leitura foram de maior compreensão para captar a essência lírica internalizada nas quatro divisões que compõe a obra. A discussão abordada no presente estudo, visa de forma não despretensiosa, mas científica, sob a ótica literária, interpretar os significados ao propor uma leitura analítico-reflexiva de *Miserere*.

Retomando os questionamentos levantados anteriormente - sobre as questões ligadas a nossa existência - estes que pairam sobre nossa existência, e trazendo essa temática mística, sobre os questionamentos que rodeiam o tema vida pós-morte para o nosso entendimento introdutório, conforme reposta dada ao Roda Vida², Adélia exprime que essas perguntas básicas “é o que gera a filosofia, o que gera as religiões e o que gera a arte”, e partindo deste ponto, precisamos compreender, desde o início, o que o conceito de *Miserere* nos traz.

O que é *Miserere*? Do latim *mizérèrè*, conceito de oração ou expressão de apelo pela piedade alheia, o que seria, de forma mais simplificada, um pedido de clemência, compaixão. Este termo está ligado diretamente ao Salmo 51 da Bíblia Sagrada. Ao primeiro olhar, o uso de termos de cunho religioso, mais precisamente pertencentes ao cristianismo nas obras de Adélia Prado não é algo incomum, mas que nesta obra, em específico, já nos traz os primeiros indícios de que *Miserere* é uma súplica intensificada, um pedido que o eu lírico faz a um ser supremo, que se destina ao criador de tudo, conforme a doutrina cristã.

Aqui, já podemos suscitar o começo de um certo distanciamento do conceito base predominante em seus antecessores, no qual o eu lírico fica preso aos ares das vivências e experiências de uma aura feminina, a qual a crítica denominou como sendo a “poesia do cotidiano”. Tal elucidação não tem como objetivo romper ou afirmar que *Miserere* foge dos padrões ou recursos estilísticos já consolidados por Adélia

² Roda Viva é um programa de entrevistas e debates brasileiro produzido e transmitido pela TV Cultura em 23/04/2014.

Prado em suas obras como sua marca autoral, mas despertar os pontos de ligação que nos revelem ou apontem o conceito que *Miserere* traz em sua essência lírica.

2 A POESIA DE ADÉLIA PRADO

Conforme afirmou Drummond (2015, p. 469), “Adélia é lírica, bíblica, existencial, faz poesia como faz bom tempo: está à lei, não dos homens, mas de Deus”. Regida por essa força lírica, é que a poesia de Adélia Prado expressa para o mundo o seu estado anímico quase inefável, quando ingressa oficialmente no cenário literário com *Bagagem* (1976), sendo recebida a bons olhos pela crítica da época, dando voz ao feminino que emerge dentro de si mesma, como afirma o escritor e poeta Affonso Romano de Sant’Anna no prefácio da primeira edição de *O coração disparado*:

Adélia (...) vai além das ideologias, além dos preconceitos, e assume uma eroticidade que, de repente, faz ressaltar a eroticidade ausente de nossa ‘poesia feminina’ convencional. (SANT’ANNA, 2015, p. 326).

Fugindo dos padrões deixados pelo conturbado Modernismo Brasileiro, que já se encontrava em franca transformação mediante as novas correntes, a exemplo do movimento concretista, o lirismo de Adélia percorre entre os caminhos do profano e do sagrado, utilizando-se de uma linguagem de fácil assimilação ao introduzir em sua poética o cotidiano e o erótico, o que poderia ser classificado como de natureza da poesia marginal emergente no pós-modernismo, entretanto, suas particularidades estilísticas ainda causam uma opinião não uniforme, se pertencente a essa corrente, já que a forma como a crítica atual qualifica as obras contemporâneas produzidas também é alvo de opiniões divergentes, assim afirma o poeta e crítico Marcos Siscar, no texto “A cisma da poesia brasileira”, em que alude a “um mal-estar teórico existente sobre a indecisão quanto à natureza e à situação da poesia contemporânea” (SISCAR, 2005, p. 45). Fenômeno este chamado por Rezende (2014, *apud* PÊSSOA, 2015, p. 3) como “paradoxos do pós-modernismo³.”

Não nos prendendo a esse impasse, nos deteremos ao conceito de que o estilo, portanto, é parte dos recursos enraizados na subjetividade do autor, e é sob essa ótica que a estilística poética de Adélia se sobressai, em um período que, conforme afirma Sant’Anna (2015), “era até monótono ler livro de poesia”, referindo-se a um espaço-tempo o qual a poesia brasileira atravessou, em meio a disputas de “meia dúzia de grupos que se engalinharam (dentro e fora do país) na luta pelo poder (literário)” (2015, p. 472).

O estilo pode ser entendido tanto como ‘não só as peculiaridades do autor, o seu eu irredutível, (...) mas também as peculiaridades mais íntimas do escritor, muitas das quais só podem captar-se a nível do subconsciente’. (BARTHES *apud* YLLERA, 1979, p. 205).

“Adélia é fogo: fogo de Deus em Divinópolis”, assim já Professava Drummond (2015, p. 470). A intensidade da voz lírica feminina transbordando religiosidade não

³ A poesia contemporânea sofre com a falta de um acompanhamento, ou parceira teórica, apropriada que estude suas origens, devido a permanente indecisão quanto à sua natureza e situação evolutiva.

poderia passar despercebida, é através dessa voz que o lirismo no campo existencial, de uma mulher doméstica do interior de Minas, acontece, trazendo questões que suscitam reflexões e que a todo instante reaproxima a relação entre a condição humana e o ser divino.

O poema traz o sublime para o cotidiano, o distante para o próximo. A visão do corpo de Cristo crucificado dá testemunho da corporeidade da vida. Não se trata, portanto, de uma visão que foge do sexo, do prazer, por considerá-lo pecado. A carne é inocente e a festa dos corpos pode ser um hino de louvor. (ALVES, 2007, p. 85).

Poderíamos, à primeira impressão, achar não ser nada de inovador usar como matéria-prima os ares do cotidiano na poesia, visto que tal recurso já começara a ser difundido por Manuel Bandeira, a exemplo de *Poema tirado de uma notícia de Jornal* (1980). Entretanto, a estilística da poetiza mineira e como ela se utiliza do lirismo para transitar entre o erótico e o sagrado, e principalmente o feminismo – sem levantar ativismos políticos – e como ele se comporta ante o masculino – em seu sentido patriarcal – são únicos. Adélia consegue materializar tais questões em toda sua fortuna poética.

Como ela mesma exprime, a sua essência feminina necessita da presença masculina para se realizar, e isso ocorre quando ela personifica esse “lado” que a falta, através da personagem Jonathan em *O Pelicano* (1987). Já sob o âmbito da dimensão religiosa, é impossível não notar o quão abrangente são as marcas de suas crenças pessoais refletidas no sujeito lírico. Tais marcas que, unidas ao seu recurso estilístico próprio, já são identitárias presentes não somente no interior de seus livros, sejam eles de prosa ou poesia – conforme ideia trazida por Siquara, na revista eletrônica O TEMPO - como também na semente que faz germinar a inspiração para tais obras.

3 O DESPERTAR: AS INQUIETAÇÕES DO LIRISMO ADELIANO SOBRE AS INCERTEZAS HUMANAS

A busca pela religiosidade ou algum tipo de crença esotérica está muitas vezes ligada à forma como nós, seres humanos, tentamos encontrar respostas para as indagações sobre a origem da vida e o que há por vir após seu cessar. Sabemos que essas questões tão paradoxais abrangem uma ampla discussão, que conduzem ao confronto entre a ciência e a religião, cuja a temática não é o objeto de estudo da presente pesquisa, mas precisamos refletir e reconhecer tais indagações que nos acompanham, porque é a partir delas que nascem as características principais que se destacam no eu lírico adeliano presente em *Miserere*.

Como mencionado anteriormente, a influência da religião cristã na vida de Adélia foi sempre muito presente, fato que se comprova em toda a extensão de suas obras poéticas. Aqui notaremos que o eu lírico sai da posição de certa forma cômoda, de retratar sua fé através dos detalhes, das ações e dos momentos da vida cotidiana, a exemplo de Clareira (*Bagagem*, 1976):

(...)Seria tão bom, como já foi,
as comadres se visitarem nos domingos.
Os compadres fiquem na sala, cordiosos,

pitando e rapando a goela. Os meninos,
farejando e mijando com os cachorros.
Houve esta vida ou inventei?(...)

Para se reinventar, agora com mais ousadia a confrontar as leis dessa mesma fé⁴ que surge através da religiosidade da autora. Um confronto não de se rebelar propriamente ao ponto de desconstruir os credos fomentados ao longo de sua vida, mas de abrir os olhos para se permitir a indagar, talvez sendo um subterfugio para o fortalecimento de suas convicções religiosas, quando olha para si e se vê como um ser controverso, capaz de errar, de reconhecer suas imperfeições, de ver a sujeira de sua condição humana, a precariedade, a mortalidade que a acompanha, e, ainda assim, manter-se como parte do sagrado. Eis que o conceito da obra começa a desenhar-se, quando a autora faz a seguinte citação ao iniciar o livro “Ó meu corpo, protege-me da alma o mais que puderes. Come, bebe, engorda, torna-te espesso para que ela me seja menos pungente” (NOËL, 1964, *apud* PRADO, 2015, p. 432).

4 UMA PERGUNTA AO QUE NÃO EXISTE: ALGUMAS RESPOSTAS

A relação que o eu lírico estabelece com o sagrado realiza-se no âmbito da linguagem poética, principal elo “mediador entre o humano e o divino, e manifesta sua busca entre o ser e a realidade que é Deus” (WIECHMANN, 2010, p. 17-18). Estabelecido esse elo, o eu lírico agora se permite mergulhar nas questões além humanas, para tentar encontrar respostas sobre o que antes parecia algo distante.

A QUE NÃO EXISTE

1 Meus pais morreram,
2 posso conferir na lápide,
3 nome, data e a inscrição: SAUDADES!
4 Não me consolo dizendo
5 ‘em minha lembrança permanecem vivos’,
6 é pouco, é fraco, frustrante como o cometa
7 que ninguém viu passar.
8 De qualquer língua, a elementar gramática
9 declina e conjuga o tempo,
10 nos serve a vida em fatias,
11 a eternidade em postas.
12 Daí achamos que se findam as coisas,
13 os espessos cabelos, os quase verdes olhos.
14 O que chamamos morte
15 é máscara do que não há.
16 Pois apenas repousa
17 o que não pulsa mais. (PRADO, 2015, p. 444).

Em seus primeiros versos, o eu lírico nos convida a enxergar através de seus olhos. Nos remetendo à imagem de estarmos diante de um túmulo, ecoando aquele

⁴ ‘(...)fé é um campo pessoal, fé é um elemento subjetivo, é um sentimento interior, uma convicção pessoal, algo absolutamente íntimo(...) quando falo de convicção pessoal, estou falando de um campo interno muito difícil de ser demonstrado. É aquela pessoa que diz, com o sentimento de total veracidade para o seu mundo: Eu sinto dentro de mim que existem forças superiores a mim, e em geral eu sinto que essas forças me protegem, que essas forças dão destino e que há uma vida pós-morte. E isso já é um grande recorte para a ideia de fé (...). (KARNAL, 2018)⁴.

ar mórbido e pesado, nos transportando ao espaço que denominamos como a última morada do nosso corpo biológico. Espaço este onde repousam nossos entes queridos, aqui referindo-se aos seus pais. Nos versos seguintes, somos surpreendidos com seu inconformismo, ao referir-se às menções saudosistas muitas vezes usadas como forma de consolo em momentos de perdas tão irreparáveis ao longo da vida. Como o eu lírico afirma, “é pouco, é fraco, frustrante como o cometa / que ninguém viu passar”, referindo-se como é efêmero pensar que toda uma vida simplesmente termina ao fim do sopro⁵ que a faz pulsar.

Nesse sentido, se apropria de uma metáfora quando compara a vida a um cometa, que tem sua grandiosidade observada pela duração de poucos minutos, é volátil, e poucos conseguem contemplar tal fenômeno, o que o torna, para muitos, invisível, inexistente. No verso 8, o sujeito lírico, ao mencionar “De qualquer língua, a elementar gramática” nos traz a ideia de universalidade, uma vez que todos somos passíveis, independente da região, cultura ou país, a condição humana aqui imposta – a certeza da finitude – é única para todos, é direta e objetiva. Tal afirmação se realiza nos versos seguintes, 9 a 11, quando se faz uma analogia aos tempos verbais conjugados pela gramática – conjunto de prescrições e regras que sistematizam o uso dos signos linguísticos escritos – e o processo de vivência, aqui materializado sob o olhar cronológico, *presente*, *passado* e *futuro*, comparando-o às fatias de um bolo que nos é servido por uma força maior que detém esse controle, ressignificando o termo “fatias” por memórias vividas.

No verso 11, a menção à “eternidade em postas” – o que seria a última etapa – o termo *eternidade* perde seu sentido literal, para conceber um significado de trajetória vivida – os caminhos percorridos desde o nascimento até a morte. O que está em *postas* são as vivências, divididas no campo do presente, passado e futuro, que se eternizam na memória de quem as viveu e que se findam ao encontro da morte biológica.

A partir do verso 12, a menção ao que deixará de existir “os espessos cabelos, os quase olhos verdes” acompanha um contraponto, ao utilizar-se do verbo no subjuntivo “acharmos”, o sujeito lírico implanta o sentido de senso comum – uma vez que somos afligidos pela temporalidade – envolve-nos em seu pensamento hipotético – de que não temos a certeza – provocando uma dúvida sobre as convicções que trazemos em algum grau de aprofundamento em nosso consciente sobre a temática pós-morte. Ou seja, o eu lírico lança luz à ideia em seu imagético, de que as características pertencentes ao nosso corpo físico não serão destruídas. Interessante observar como propositalmente Adélia se utiliza da voz lírica ao titular o poema, ocultando a temática à qual pretende se referir no discorrer da poesia, e nos revela no verso 14 “O que chamamos morte” a quem, de fato, se refere.

No verso 15 vem a afirmação “é máscara do que não há”, o uso do termo *máscara* nos remete a algo encoberto, uma farsa que sobrepõe a verdade a ser revelada nos versos 16 e 17, “Pois apenas repousa, o que não pulsa mais”. O poema “A que não existe” não possui rimas, seus versos são livres, construídos sob o uso de uma linguagem coloquial, nos entrega o campo temático que o eu lírico irá trazer recorrentemente em *Miserere*, abordando os anseios que muitas vezes se fundem com os da autora: acreditar na vida eterna.

Antes de continuarmos com as análises do nosso objeto de estudo, precisamos perceber o que o sujeito lírico traz de novo ao lançar essa temática que se irradia por toda a obra *Miserere*. Como já mencionado na abordagem introdutória, é perceptível

⁵ Referente ao que se faz impulsionar: “soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente” (GÊNESIS 2:7).

que a voz lírica feminina de Adélia se condensa aqui de uma outra forma. Ela ganha um ar audacioso, imponente e, por alguns momentos, atrevido, ao fazer menção a assuntos os quais continham-se no âmbito da singeleza ou que não eram tão recorrentes. Esse ar, quase que como um novo traço da personalidade do eu lírico, já se apresenta em *Branca de Neve*.

(...) Fico hiperbólica para chegar mais perto.
 'Geração perversa, raça de víboras'
 não é também um exagero do Cristo
 para vaziar sua raiva?
 Escribas e fariseus o tiravam do sério.
 Mas todos eles? Todos?
 Cheiramos mal, a maioria,
 e sofremos de medo, todos. O corpo quer existir,
 dá alarmes constrangedores.
 Me inclino aos apócrifos como quem cava tesouros (...). (PRADO, 2015, p. 436).

Pelo trecho acima, extraído do primeiro poema que abre a obra, conseguimos notar algo diferente em suas entrelinhas, uma certa imponente e presunção, quando se põe junto a condição humana, e que se torna evidente no transcorrer do mesmo:

(...) O verdadeiro é sujo,
 destinadamente sujo.
 Não são gentilezas as doçuras de Deus (...). (PRADO, 2015, p. 435).

Não é por acaso que Adélia escolheu *Branca de Neve* para abrir sua obra. O poema nos dá indícios de que há algo novo na personalidade do sujeito lírico. A imagem da princesa, doce e inocente, se desfaz ao mostrar-nos o seu lado impetuoso com as palavras, nos remetendo à desconstrução da imagem que obtemos ao ler o título. É cabível aqui salientar que essa nova característica do eu lírico não significa dizer que houve ruptura das suas raízes ou a perda da devoção para com o sagrado. O respeito ao sagrado – representado pela figura de Deus – se mantém intacto. Esse aspecto audacioso e mais liberto ao falar não desconstrói a sua devoção pela fé cristã, mas se autoliberta quando reconhece que, sendo passível às imperfeições como todos os seres humanos, pode regozijar-se em mostrar sua verdadeira essência, sem tanto medo de ultrapassar alguns limites que poderiam ser interpretados erroneamente – à primeira vista – como algo desrespeitoso ou infracional a sua crença. Esse autorreconhecimento é evidenciado ao final deste mesmo poema:

(...) Sou curva, mista e quebrada,
 sou humana. Como o doido,
 bato a cabeça só pra gozar a delícia
 de ver a dor sumir quando sossego. (PRADO, 2015, p. 435).

Manifestada essa nova característica do sujeito lírico, presente tão fortemente também em *Senha (Miserere)*, partimos da nova posição em que ele se encontra, fazendo-o desbravar a temática espiritual – a vida pós-morte dentro do cristianismo – que até então permanecia adormecida ou que talvez o pensamento internalizado acerca dela não era alvo de reflexões ou preocupações, o que se mostra diferente no agora, quando essa temática se irradia por toda a obra *Miserere*.

Ao abordar um campo temático tão paradoxal, na busca de respostas que atendam a suas indagações, o sujeito lírico se distancia das linhas que o faz

contemplar as questões do cotidiano, do olhar poético sob a ótica feminina, tão presentes em seus antecessores, para mergulhar em um lirismo existente em sua concepção pós-morte. Salientamos que esse distanciamento não significa um desvencilho da essência temática e estilística consagrada de Adélia, ao contrário, serve para dar luz, enfoque a uma nova inquietação que até então o eu lírico não transparecia ter nas obras poéticas antecessoras a esta, e este é o traço diferencial que permeia toda a obra. A voz impaciente presente em *Paciência e seus limites* é a mesma que reconhece seus momentos de fraqueza – relacionados a sua fé – em *Quarto de Costura*.

(...) Fosse boa cristã
entregava a Deus o que não entendo
e arrematava o bordado esquecido no cesto (...). (PRADO, 2015, p. 438).

A temática da morte se torna eixo constante em todas as quatro partes de *Miserere*, desdobrando-se em: Sarau, Miserere, Pomar e Aluvião. Dos pensamentos supérfluos em *Distrações no Velório* a suas indagações mais íntimas sobre o assunto como em *O Hospedeiro*, nos faz pensar que talvez durante o período de concepção desta obra em particular, Adélia tenha refletido sua ânsia através do sujeito lírico, sobre todas as questões ligadas à finitude da vida e à necessidade de acreditar em algo que lhe dê alento para tais questões, sob a ótica de sua religiosidade provinda da doutrina cristã.

(...) Só pode ser Deus a morte,
tão aterrorizante em seu mistério,
em seu mutismo. A opaca.
Mórbida congênita, me apodam,
este é o preço por teu nascimento
no centro do miolo de Minas. (...) (PRADO, 2015, p. 447).

Na análise do próximo poema, observaremos como as questões da efemeridade da vida e o sentimento de angústia das perdas vivenciadas se partilham entre o sujeito lírico e as memórias da própria poetiza.

ANTES DO ALVORECER

1 O morto não morre,
2 não há colo nem cruz
3 onde repouse o que palpita cego
4 e lancinante pervaga.
5 Sei que me olha de uma fenda quântica,
6 mas eu o queria aqui junto comigo,
7 delirante, fraco, mas comigo,
8 junto comigo, o meu querido irmão.
9 Numa carta longínqua me escreveu
10 ‘Somos de Deus, irmã’.
11 Uma bela antífona ao choro desta noite
12 até que chegue a manhã. (PRADO, 2015, p. 448).

O tempo no qual o poema se sucede fica explícito em seu título, remete-se aos ares da noite e seu ar fúnebre já se anuncia em seus primeiros versos. A ideia de sobrevida é lançada no primeiro verso – o que é atestado como morto, não está – seguido dos versos “não há colo nem cruz / onde repouse o que palpita cego / e

lancinante pervaga”, versos esses que trazem ao poema uma intensa carga de significados conotativos, exprimindo a intensidade da dor pela qual o sujeito lírico está passando, sem haver âmbito de consolo, aqui representado pela palavra *colo* – que nos remete a lugar de acalanto – e nem a conformidade pela redenção – final que se espera, glória após o sofrimento – aqui representado pela palavra *Cruz*.

A dor presente no eu lírico se estabelece em um lugar que há pulsação, fazendo alusão ao órgão do nosso corpo: o coração. A dor que avança sobre esse espaço é denominada como “pontadas” enquanto atravessam os diferentes caminhos que se cruzam em várias direções, aqui se remetendo às cavidades do órgão muscular. O conceito de vida após a morte em que acredita – lembramos do que já havíamos falado anteriormente, sobre a necessidade de se fazer acreditar em algo que lhe dê alento – vem à tona no verso 5, “sei que me olha de uma fenda quântica”, a convicção de haver uma brecha atemporal e indestrutível, presente mesmo após a desintegração da matéria e da energia, é consoladora. Nos versos de 6 a 8, o sujeito lírico expõe ter sentimentos de inconformidade e egocentrismo, estes tão inerentes a nós humanos, mesmo consciente da situação de vulnerabilidade/sofrimento pela qual o outro está passando.

O desejo de ter ao lado a pessoa amada, independente das condições, mostramos como, muitas vezes, não estamos preparados para enfrentar as perdas em nossa vida, o sujeito lírico então revela por quem essa dor está sendo causada: “... meu querido irmão”. Nos versos seguintes, 9 e 10, acontece novamente a intenção de se ter algo que proporcione ao sujeito lírico algum tipo de conforto ao fato transcorrido. A lembrança das palavras ditas em uma carta escrita por seu irmão ecoa no verso, através das aspas utilizadas na expressão ‘Somos de Deus, irmã’, ressoando como um acalanto em meio às lágrimas que serão derramas até a chegada do amanhecer, versos 11 e 12. O poema não possui cadeia de rimas e sua estrutura está construída sob versos livres, sem uso de uma rítmica aparente.

As vezes a certeza é contaminada pela dúvida, por um desejo de confirmação, cujo o contraponto se revela na permanência da convocação... (ALVES, 1999, p. 234).

Ao atentarmos para todas essas referências, nossa visão sobre a existência de um conceito-base que seja singular em cada obra e como o sujeito lírico se revela em cada obra poética Adeliana se torna mais consistente, segundo Martinuzo:

Se desejarmos, todavia, verdadeiramente penetrar na singularidade, caso exista, de cada obra de Adélia Prado, é de grande ajuda compreender, sim, em que consiste a sua poética, intimamente entrelaçada a sua visão de mundo, marcada pela espiritualidade. (MARTINUZZO, 2014, p. 2)

A visão de mundo supracitada está internalizada no sujeito lírico, colocando-o diante do medo, da insegurança, da morte e do pecado, reforçando o desejo de alcançar um entendimento para além de uma fé alienada. Partiremos para o último poema a ser analisado no presente estudo.

ESPASMOS NO SANTUÁRIO

- 1 Pesam como maus-tratos
- 2 as verdades que falo ao dissonante,
- 3 ao feio que pede amor.
- 4 Um susto me marcou,
- 5 como castigo perpétuo me acompanha.
- 6 Mesmo que ninguém saiba

7 se alguma vez gargalhou,
 8 ou minimamente riu,
 9 Jesus falou de Deus:
 10 “Não tenhais medo, pequenino rebanho,
 11 o Pai vos ama.”
 12 Por desventura eu não teria fé?
 13 Então, que nome tem este desejo meu
 14 de beijar o corpo onde a ferida sangra?
 15 Do banco dos neófitos é que rezo.
 16 No Santo dos Santos,
 17 no corpo vivo não toco,
 18 tenho pouca inocência,
 19 nem ao menos sei
 20 se quero convictamente
 21 amansar o coração,
 22 limpar minha língua turva.
 23 Daqui, onde todos descansam,
 24 escuto um fragor de espadas.
 25 Estou viva. É só isto que eu sei. (PRADO, 2015, p. 454-455).

Consideramos *Espasmos no Santuário* como um dos poemas em que mais é notável a inquietação do sujeito lírico, podemos até afirmar que é neste poema que as características tão peculiares – às quais nos lançamos neste presente trabalho – se concretizam nitidamente. O poema está estruturado nos moldes comuns aos demais da obra, não possui rimas e segue a sistemática dos versos livres. A inquietação do eu lírico em buscar respostas sobre o que está além da sua compreensão surge de uma força interna maior, incontrolável, sob a forma de *espasmos*, soando como uma infração em um âmbito puro (*santuário*), eis aqui o recurso metalinguístico que se faz presente no título, pondo-nos novamente perante a dualidade conflitante das questões humanas.

Nos versos de 1 a 3, o contraponto é visto como insulto, os questionamentos que o eu lírico traz consigo como verdades são vistos como afrontas, vozes desarmônicas que não se alinham são marcadas pelo termo “*dissonante*”. Em meio a essa dualidade, o pedido de misericórdia vem nas entrelinhas do verso “*ao feio que pede amor*”.

Nos versos 4 e 5, a dúvida vem sorradeira – estará a perder sua fé? – é uma sentença contínua quando essa voz se auto questiona. Seguindo para os versos 6 a 8, o consciente do eu lírico recai como uma culpa em permitir-se a ter comportamentos infracionais, aqui se reitera o peso do pecado em relação ao sagrado. Esse embate interno irá permear todo o poema, ficando mais explícito no interior dos versos 9 a 12. O eu lírico relembra uma passagem bíblica, numa tentativa de acalmar esses pensamentos internos, essas vozes dissonantes em seu interior, quando transcreve “Não tenhas medo, pequenino rebanho / o Pai voz ama”. A dubiedade é constante, presente nos versos 13 e 14 “Então, que nome tem este desejo meu / de beijar o corpo onde a ferida sangra?” na busca de convencer a si mesmo de que sua fé permanece intacta.

Atentemos às referências do verso 14, aqui o desejo da ação em beijar o corpo onde a ferida sangra não se aplica a qualquer corpo que está ferido, e sim ao corpo divino, referência ao corpo de Jesus Cristo – remetendo-nos à cena do Cristo morto – muito comumente representado por imagens nas igrejas católicas. A ferida está associada às cinco chagas de Jesus, que conforme os dogmas do catolicismo romano, é onde transcorre o sangue milagroso. O termo *neófito* vem do latim *neophytus*, sua etimologia surge do termo *neo*, que significa novo e *phytos*, que é

planta. A ideia de condição nos é apresentada, o ser principiante em estado comum a todos que se encontram nesta mesma condição, acentuado pelo uso do termo no plural, *todos*.

No verso seguinte, retomamos a referência ao Cristo já apresentada no verso 14, aqui ligado ao Santíssimo⁶, a quem não ousa tocar com as mãos, por si considerar impuro, errante, tem “*pouca inocência*”. A condição em que o sujeito lírico se coloca se funde muito com o conceito de visão sobre o homem – analogia representativa da sociedade – que a poeta traz consigo, comprovado pelas inúmeras entrevistas concedidas para os mais variados órgãos midiáticos.

Em seus últimos versos, o sujeito lírico se comporta a modo de reconhecer seus excessos, retoma sua consciência ao dizer “nem ao menos sei / se quero convictamente / amansar o coração / limpar minha língua turva”. A dualidade existente se personifica pela metáfora utilizada no verso 24, essa luta constante que vem com o tinir das espadas ecoa, fazendo-o despertar e reconhecer que está vivo, e que essa batalha é uma das raízes penetrantes da condição humana.

Como a denominação da obra já nos mostra, a essência que *Miserere* traz em si é de uma eterna súplica, por reconhecer suas falhas, mas também desbrava suas indagações mais íntimas. Em *Jó consolado*, o eu lírico dá indícios de estar mais amadurecido a essas questões, agora com uma sólida esperança no que lhe confere um sentido de transcendência, passando-nos a ideia de que mesmo nas condições em que nos encontramos, sedimentados neste *Aluvião* – parte que guarda o último poema da obra – é possível tocar o transcendente, o incondicional, já que “neste momento, especialmente neste, a morte não ameaça, pois não existe” como nos afirma em *Qualquer coisa que Brilhe*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como observamos no decorrer do estudo, é expressivamente importante atentar-nos aos comportamentos do eu lírico e suas particularidades, a personificação de um estado, este vivenciado pelo sujeito lírico.

Adélia Prado conseguiu com essa obra, além de expressar seu jeito peculiar de fazer a “poesia do cotidiano”, nos levar a reflexões sobre a finitude da vida, em um período que somos bombardeados por informações a todo instante, que nos levam muitas vezes a agir como máquinas, sem nos darmos conta de que o tempo é um sopro, e que, quando notarmos, estaremos neste mesmo estado de espírito em que o sujeito lírico se apresenta.

É na aceitação da natureza humana, no seu reconhecimento de fragilidade e mortalidade, que o eu lírico existente em *Miserere* se apresenta. Os estímulos do sujeito feito de “carne e osso” e a “acidez do sangue” permanecem em sua identidade, tal qual como nas obras antecessoras. A obra nos leva a crer em uma transcendência e com ela, o conceito-base se revela, em plena vitalidade, que se utiliza para dar a vida e mergulhar no mistério insondável de Deus.

Miserere ressoa uma súplica constante, onde a poesia escancara a nudez da nossa carne, o existencial de cada homem e de cada mulher. É um diálogo com Deus, através dos acontecimentos da vida humana. Nas fragilidades, nos sentimentos de inadequação, nos descompassos entre o corpo e o espírito.

⁶ Refere-se ao ostensório, peça produzida em metal e banhada a ouro utilizada pela Igreja Católica, onde é armazenada a Hóstia, corpo de Jesus Cristo, que ali permanece vivo.

REFERÊNCIAS

_____. “Oráculos de Adélia”. In: **Revista de literatura brasileira Teresa**, n. 1, 1º semestre 2000. São Paulo: Ed. 34, 2000, p. 233-236. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/teresa/issue/download/8700/749>>. Acesso em: 01 set. 2021.

_____. A sarça ardente e a mulher confusa: aspectos da lírica religiosa de Adélia Prado. In: SWARNAKAR, Sudah; MOURA, Arlet Pereira. **Ensaio comparativos**. Campina Grande: Edupeb, 2007. p. 75-86.

ASSEMBLEIA de Minas Gerais. **Adélia Prado fala sobre sua obra, feminismo e o momento político do Brasil**. 2018. (56m56s). Disponível em: <<https://youtu.be/QMsVYzNkUmU>>. Acesso em: 05 set. 2021.

ANDRADE, Carlos Drummond. De animais, santo e gente. In: PRADO, Adélia. **Poesia reunida**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

BÍBLIA. Gênesis. Português. In: **A Bíblia Sagrada**: antigo e novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

KARNAL, Leandro. **Religião #1: Em busca de sentido | Leandro Karnal**. 2018. (33m24s). Disponível em: <<https://youtu.be/CztqsoWZOQU>>. Acesso em 05 set. 2021.

MACHADO, Cíntia Marítz dos Santos Ferraz. A representação da experiência espiritual na literatura: Uma tentativa de aproximação entre literatura e teologia. **Darandina Revisteletrônica**. Anais do Simpósio Internacional Literatura, Crítica, Cultura V: Literatura e Política, realizado entre 24 e 26 de maio de 2011 pelo PPG Letras: Estudos Literários, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011. Disponível em: <https://www.ufjf.br/darandina/files/2011/09/A_representa%C3%A7%C3%A3o_da_experi%C3%Aancia_espiritual_na_literatura.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2021.

MARTINUZZO, Marcel Bussular. A “voz geógrafa” de Deus: Adélia Prado, o misticismo e o espaço ao redor. **Revista Eletrônica de Estudos Literários - REEL**, n. 15, Dossiê "Trânsitos, viagens, deslocamentos: fronteiras invisíveis", 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/reel/article/view/11870/8517>>. Acesso em: 03 set. 2021.

OLIVEIRA, Paloma do Nascimento. **Cotidiano, religiosidade e erotismo em Adélia Prado**. 2012. 89 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

PESSÔA, André Vinícius. A crítica poética da poesia contemporânea brasileira: alguns percursos. XIV Congresso Internacional ABRALIC. **Anais**. 29 de Junho a 03

de Julho de 2015 UFPA, Belém - PA, 2015. Disponível em: <https://abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1455908526.pdf>. Acesso em: 10 set. 2021.

PRADO, Adélia. **Poesia Reunida**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2015.

PUCHEU, Alberto. **Apoesia Contemporânea**. 1. ed. Rio de Janeiro: FAPERJ / Azougue Editorial, 2014.

RODA Viva. **Adélia Prado**. 2014. (01h20m05s). Disponível em: <<https://youtu.be/6E2afhdOoqI>>. Acesso em: 05 set. 2021.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Adélia: a mulher, o corpo e a poesia. In: PRADO, Adélia. **Poesia reunida**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SARAIVA. **Adélia Prado, a simplicidade de um estilo**. 2010. (07m07s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BcFhohzPc7Q>>. Acesso em: 05 set. 2021.

SISCAR, Marcos. A cisma da poesia brasileira. **Germina - Revista de Literatura & Arte**, ano 5, n. 8-9, Ateliê Editorial, 2005. Disponível em: <https://www.germinaliteratura.com.br/sibila2005_acismadapoesia.htm>. Acesso em: 05 ago. 2021.

WIECHMANN, Natalia Helena. **A poesia de Adélia Prado**: expressão feminina do cotidiano e do sublime. 2010. 46 f. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Letras) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/121762>>. Acesso em: 02 set. 2021.

YLLERA, A. Problemas e sínteses. In: **Estilística, poética e semiótica**. Trad. José G. de Herculano. Coimbra: Almedina, 1979. p. 203-234.

SIQUARA, Carlos Andrei. Afinidades entre a prosa e a poesia de Adélia Prado. **Revista Eletrônica O TEMPO**. 2016. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/diversao/magazine/afinidades-entre-a-prosa-e-a-poesia-de-adelia-prado-1.1258879>>. Acesso em: 03 set. 2021.